

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo, em suas breves páginas, contribuir para uma reflexão acerca da utilização das charges como fontes históricas, utilizando-se, para isso, de um momento específico da história brasileira que foi a participação do jurista Rui Barbosa na 2ª Conferência da Paz de Haia, no ano de 1907. Trata-se de uma situação de exceção na política do país, em um momento marcadamente patriótico no mundo, traços que influenciaram diretamente nossos chargistas, que louvaram a participação de Rui no evento.

2. O contexto da Conferência

A corrida incessante do Capitalismo pela abertura de mercados e domínios de fontes de matéria-prima, além de áreas para reinvestimento de capital acumulado, fez surgir no século XIX, o fenômeno do Imperialismo. Junto com esta expansão colonialista, um processo armamentista foi desencadeado¹. Tal processo foi resultado do interesse mútuo das economias competitivas do último quarto do oitocentos pelas mesmas regiões coloniais. Nesta paz armada, falava mais alto quem tinha maior poder bélico, o que assustadoramente já demonstrava o calvário final da Grande Guerra que estourou em 1914.

Nesta perspectiva, o temor de um conflito entre os grandes Estados imperiais sempre foi forte e o alcance dos iminentes combates eram assustadores. Por isso, conferências que tratassem da guerra eram necessárias, mesmo que contraditoriamente recebessem o nome de Conferência da Paz, como foi o caso das duas de Haia, ocorridas em 1899 e 1907. Esta última convocada pelo *czar* russo Nicolau II após sua inesperada derrota para a potência do Oriente, o Japão. A guerra russo-japonesa (1904-1905) foi um marco importante na história do Imperialismo, pois foi a derrota bélica da raça superior branca pela inferior dos

¹ DECCA, 2006: 154-59.

amarelos, significando a imprevisibilidade desta alucinada corrida armamentista do século XIX.

Neste novo “concerto das nações”, como bem definiu o chargista Storni, o Brasil foi convidado a participar. O que a princípio ficou marcado era que estaríamos de acordo com todas as propostas norte-americanas, pautadas pela aproximação diplomática e econômica destes países. Fato que não ocorreu por completo, já que, por momentos, Rui Barbosa – representante brasileiro no evento – questionou a grande potência das Américas, o que estava dentro dos planos da diplomacia do Barão do Rio Branco de construção de uma imagem soberana do país no exterior. De qualquer forma, estas investidas contrárias promovidas por Rui fez com que sua figura se destacasse na Conferência, elevando o país em um evento que tinha como premissa o protagonismo das grandes potências mundiais.

3.O projeto *Rui, a Águia de Haia*

Como comemoração ao centenário da participação do político baiano na Conferência de Paz, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), em parceria com a Faperj, propôs a elaboração de uma coletânea de charges que tratassem sobre Rui no evento. Sendo assim, tive a oportunidade de entrar no projeto, coordenado pelo historiador e filósofo Luis Guilherme Sodr e Teixeira, participando da pesquisa direta com as fontes primárias que nos dessem estas charges, os periódicos brasileiros de 1907 e 1908.

Ao longo da pesquisa, elaborei algumas tabelas indicativas destas revistas, jornais e almanaques que pude analisar no acervo da biblioteca da FCRB² e, também, na Biblioteca Nacional (BN)³, tendo relacionado um total de 17 periódicos. Como traço marcante temos a louvação a Rui e o fato de todos tratarem do assunto “Haia”⁴. Somente *O Pão*, que pertencia a oposicionistas do *bloco* – grupo político do

² Mais precisamente na Coleção *Plínio Doyle*, que consta no acervo da Funda o. Aliás, segue aqui meus mais gratos agradecimentos a aten o destinada a mim pelos funcionários da Biblioteca.

³ Na BN pesquisei os periódicos *Revista da Semana* e *Jornal do Brasil*. Desde já, agradecemos a colabora o da Agência JB que tão gentilmente nos cedeu direitos de publica o destas imagens para a coletânea de charges.

⁴ Excetuando-se a *Floreal*, dirigida por Lima Barreto, que no único exemplar contido pela biblioteca da FCRB trata da questão do “sorteio militar”. Possivelmente sua revista tratou de Haia em outro número, mas infelizmente não tive acesso, o que   um verdadeiro pesar, pois seria interessante saber o que pensou o mais marginalizado de nossos literatos sobre este evento internacional.

qual Rui fazia parte –, não elevou sua participação, fazendo uma pequena anedota sobre a ineficiência da Conferência da Paz em regradar a guerra.

Há também o *Almanaque Imperial*, que como seu próprio nome diz era um jornal monarquista que buscou neste primeiro grande sucesso internacional da República traçar um paralelo histórico que “provasse” que o país já era importante internacionalmente a época do Império, citando um dos discursos de Rui na conferência, no qual o “magnífico” jurista lembrou da tradição do país em arbitrar questões internacionais, como as presididas por D. Pedro II nos anos de 1871, 1880 e 1884, respectivamente conflitos entre ingleses e norte-americanos (pela região do Alabama), franceses e norte-americanos no pós Guerra de Secessão e conflitos entre chilenos e europeus nas questões nacionalistas do Peru e Bolívia⁵.

Infelizmente não foram em todos os periódicos que encontrei charges, porém elas foram significativas, totalizando 83, excluindo-se charges que se referiam a Haia, mas que não tratavam diretamente de Rui.

Periódicos	Quantidade de Charges
<i>O Malho</i>	52
<i>Fon-Fon!</i>	7
<i>Careta</i>	4
<i>Jornal do Brasil</i>	11
<i>Revista da Semana</i>	6
<i>Revista Biographica da Bahia</i>	2
<i>O Diário</i>	1
Total de Charges Relacionadas	83

Observando tais dados percebemos uma predominância de charges no periódico *O Malho*, com um total de 52 desenhos. Tal fato pode ser explicado quando pensamos que a revista criou uma tradição de conter sempre muitas charges publicadas, o que já não ocorria com a *Careta*, com a *Revista da Semana*, nem com a *Fon-Fon!*, que inauguram um novo tempo nestes semanários ilustrados, com menos charges e mais fotografias e cartuns que tratassem sobre a moda e a modernidade da *belle époque*, sendo, por isso, consideradas mais elitizadas. Cabe a ressalva de que a *Careta* só foi lançada no correr de 1908, o que torna o assunto ainda mais obsoleto para ser tratado na revista, apesar de termos encontrado uma referência a ele.

⁵ CELSO, Affonso. “Apologia ao Império”, reproduzido no dia 5 de novembro de 1907 no *Almanaque Imperial*, ano II, num. 21.

Já o *Jornal do Brasil*, que tinha o mesmo proprietário da *Revista da Semana*, tinha um caráter popular, usando e abusando de ilustrações, com destaque as charges, principalmente de Raul, Amaro, Luiz e Bambino. Porém como era diário, tinha uma produção “instantânea”, logo os fatos mais marcantes do dia anterior estavam no dia seguinte nos traços de nossos cronistas gráficos. O que torna o assunto de Haia ainda mais escasso dentro de outros temas, como a política nacional, os “gatunos” do subúrbio ou as datas festivas do 1º e 13 de maio. O mesmo acontece com *O Diário*, pertencente ao grupo *Kosmos*, dono também da *Fon-Fon!*, que tinha como agravante ter sido lançada pelo correr do ano de 1908.

Por fim, a edição da *Revista Biographica da Bahia e mais Estados do Brazil*, que foi totalmente em homenagem ao conselheiro Rui, trazendo textos de cunho acadêmico, poesias e duas ilustrações que mais pareciam pinturas acadêmicas, que louvaram Rui Barbosa. Sendo esta uma das principais fontes para os interessados no assunto e no sucesso adquirido pelo jurista após sua participação no evento.

Em um universo de tantas charges encontramos um problema, pois havíamos de dividi-las em temas que facilitassem o entendimento das mesmas, para um público que se encontra a uma centena de anos de distância da Conferência. A solução foi elaborarmos sub-temas às “charges de Rui em Haia”, e explicarmos, através de breve texto o “porque” desta metodologia. Utilizarei esta mesma divisão neste artigo.

4.Charges de Rui em Haia

4.1.A Partida de Rui

No dia 27 de fevereiro de 1907⁶, Rui Barbosa recebeu o convite formal do Barão do Rio Branco para representar o Brasil na Conferência de Haia. O real projeto do Barão era nomear o que chamou de “embaixada de águias”, na dupla: Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. Porém talvez tenha achado melhor manter Nabuco na embaixada de Washington facilitando os contatos diplomáticos do país com a

⁶ Para a obtenção de mais dados cronológicos sobre a vida e obra de Rui, ver: MAGALHÃES, 1999.

maior potência americana que também era nossa maior compradora de café, o principal produto de exportação do período. Fato este que não impediu que o Embaixador brasileiro nos Estados Unidos participasse indiretamente dos rumos diplomáticos tomados por Rui na conferência, já que houve um encontro dos dois em Paris no dia 12 de junho, dias antes do início do evento internacional.

Independente do possível impasse político com Nabuco, Rui aceitou o convite e foi oficialmente nomeado pelo presidente Afonso Pena como Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário e Delegado do Brasil em Haia, no dia 1º de maio de 1907. O embarque do representante brasileiro se deu no cais do *Pharoux*, no Rio de Janeiro, a 22 de maio, tendo chegado a seu destino final, Haia, no dia 13 de junho, dois dias antes da abertura oficial da conferência.

As charges de época de prontidão retrataram o momento como a ascensão da “Águia”, que iria participar de forma quixotesca do concerto das nações, e, por isso, se depararia com os moinhos de vento a destruir. Este fato já coloca uma questão importante, pois Rui não ganha esta *caricatura de águia* somente quando volta de sua participação no evento, mas desde seu início foi marcado por esta caracterização. Como que um mito que se constrói antes de findada a história, Rui teve de confirmar as expectativas colocadas sobre ele em sua partida, e por ter conseguido este sucesso esta imagem de “águia” acabou se propagando.

Ao lado da expectativa da opinião pública, outro fato tomou conta do momento que foi a cisão do Partido Republicano baiano, com a polarização do Senador Severino Vieira – imortalizado nas charges como sapo barbudo politiqueiro – contra o governador do Estado, José Marcelino, que era apoiado por Rui. Por isso, o conselheiro partia com o coração partido pedindo, através das charges, aos políticos brasileiros que cuidassem desta questão, principalmente a Pinheiro Machado, que nesta época era seu aliado político no *bloco*, que ficava sem sua principal liderança que era o próprio Rui.

4.2. Rui e o Barão

O Barão do Rio Branco é, talvez, uma das maiores figuras da História do Brasil, podendo ser comparada a Getúlio Vargas e ao Imperador D. Pedro II. Com

isso não estou louvando tais personagens, as destaco pelo impacto que tiveram e têm na construção da nacionalidade, do sentimento de comunhão da “comunidade política”⁷. O Barão pode ser considerado até mesmo mais importante que as outras duas figuras citadas anteriormente, pois foi praticamente incontestado em seu tempo e ainda permanece assim em nosso imaginário coletivo. Tamanha era sua popularidade que representações, como peças de teatro, músicas (entre elas marchinhas de carnaval) e charges o reverenciaram.

Isto porque, a nação a época era “a priori”⁸, ou seja, incontestável enquanto estrutura de organização, um verdadeiro paradigma, que somado as propostas de Rio Branco, de consolidar fronteiras, promover maior aproximação diplomática com os Estados Unidos e mudar a imagem do país no exterior, modernizando-a, só tiveram ecos positivos, ainda mais com seu sucesso⁹.

Junto com a *diplomacia Rio Branco*, colocada pelo chargista J.R.Lobão como *art nouveau*, veio também uma forte elevação nos gastos públicos, referentes a burocracia, propagandas e promoção de eventos, como a Conferência Pan-Americana de 1906 e a Exposição Nacional de 1908, que marcaram a grandiosidade de nossa modernização. Os humoristas não perderiam este fato e cunharam o Barão com um jargão popular, o “Dinheiro haja”¹⁰, que tomou conta dos desenhos, geralmente colocando Rio Branco junto ao *Zé Povo*, que era quem bancava a *diplomacia Rio Branco*, dizendo “dinheiro haja, seu Barão!”, misturando uma certa raiva deste custo elevado, mas uma terrível admiração pelo sucesso internacional do Brasil.

Em relação à Conferência de Haia foram mais de 170 telegramas que auxiliavam ou ditavam os discursos e intervenções de Rui. Além disso, Rio Branco enviou verbas para os secretários da delegação brasileira para que dessem banquetes para os principais correspondentes internacionais, objetivando atrair simpatias para o Brasil e seus representantes¹¹. Os banquetes brasileiros ficaram conhecidos como os melhores e mais festivos de toda a Conferência¹². O sucesso,

⁷ ANDERSON, 1989: 14.

⁸ PAMPLONA, 2006: 190.

⁹ CERVO e BUENO, 1986:66.

¹⁰ Isabel Lustosa relaciona o jargão “Dinheiro haja” ao governo de Afonso Pena, momento de grande participação de Rio Branco. In LUSTOSA, 1989: 45-50.

¹¹ ACCIOLY, 1945.

¹² STEAD. In: RIBEIRO, 1909.

com muito capital, veio, contribuindo muito na construção do mito Rui e, também, do mito Rio Branco. Ao cidadão, inclusive aos chargistas, só restou o deslumbre e o bordão: “Dinheiro haja, *seu* Barão! Dinheiro haja!”.

4.3. Rui na Conferência

Acredito ser muito complicado uma sistematização da participação de Rui na Conferência, mas acredito ser algo necessário para uma melhor compreensão de como sua figura foi se construindo ao longo do evento, marcando-o como um dos mais respeitados personagens da política brasileira. Com auxílio do artigo de William Stead¹³, aclamado jornalista britânico que lutava contra a coroa de seu país nas suas investidas imperialistas e um dos maiores defensores da convocação da segunda Conferência da Paz, procurarei estabelecer uma divisão desta participação de Rui em Haia.

Primeiramente, Rui ficou conhecido como o conferencista verborrágico, sendo jogado ao *ridículo* pelos outros membros do evento. Em um segundo momento, o conselheiro foi *censurado*, justamente porque seus discursos, inflamados pela belíssima retórica, acabaram por atingir as grandes potências imperialistas – como no momento em que falou ser contra os navios mercantes serem transformados em vasos de guerra em momentos de conflitos, dizendo ser pena que interesses da política internacional falassem mais alto que os valores jurídicos se tal questão fosse aprovada. Neste momento, o delegado russo Frederic Frommhold de Martens, disse que as questões políticas não eram de responsabilidade da Conferência e Rui teria respondido em francês, dizendo que não se tratava da política militante que desune os povos, mas da política ciência, histórica e regra moral.

Se a participação de Rui na conferência fosse um filme, este seria o ponto de virada, pois a partir daí passou a ser uma das mais *respeitadas* figuras do evento, marcado por ter defendido a teoria da igualdade das nações, foi considerado um messias pelos chargistas, na luta contra a opressão dos mais fortes contra os mais fracos. Para além da importância política de tais atos, inclusive para um mundo que

¹³ Idem.

jamais conseguiu alcançar a utopia da paz e da igualdade social e das nações, é importante ressaltar que a defesa desta teoria por Rui significava defender basicamente os países da América Latina, visto que as grandes potências eram européias – poucas eram as nações de pequeno porte no continente dominado por Impérios como o Russo e o Austríaco – e o Oriente e a África estavam praticamente sub-julgados como colônias, logo não tinham soberania nacional. Fica claro, a partir disso, mais uma das manobras vitoriosas de Rio Branco em sua diplomacia, que consolidava o país como “líder” dos países na América do Sul.

4.4. Rui e os Conflitos Diplomáticos

Para que se tenha uma noção da importância que Rio Branco dava a uma aproximação diplomática entre Brasil e Estados Unidos, basta observarmos alguns dados interessantes, como os que indicam que a grande potência da América passou a ser a maior compradora dos principais produtos brasileiros da época: o café, a borracha e o cacau. Desde 1870 mais de 50% do café brasileiro era exportado para os Estados Unidos; até o fim do século XIX, 60% da borracha importada pelo mesmo país era do Brasil; e eram também os norte-americanos nossos maiores consumidores de cacau. O resultado em 1912 – ano, aliás, que o Barão deixa, após sua morte, a chancelaria brasileira – era de uma taxa de exportação nacional de 36% para os Estados Unidos, tendo em segundo lugar a Inglaterra, dona de 15% das exportações, ou seja, aproximadamente a metade do que o país exportava para o “irmão” do Norte¹⁴.

Seguindo esta lógica, na Conferência de Haia esperava-se que os representantes brasileiros fossem defender os interesses norte-americanos, como, aliás, defenderam, na questão da defesa da abolição de prisão de navios particulares em períodos de guerra (leia-se navios mercantes) e na validade da cobrança compulsória de dívidas de Estado – medida, que como veremos adiante, batia de frente com as pretensões da Argentina. Entretanto não era uma união unilateral como queria a política externa de Quintino Bocaiúva – chanceler do

¹⁴ BURNS, 1978.

governo de Floriano Peixoto (1891-1894)¹⁵ –, mas uma aproximação dúbia, já que havia interesses da *diplomacia Rio Branco* na construção de uma imagem de soberania nacional e liderança no Cone Sul da América.

A dualidade desta diplomacia ficou clara na teoria da igualdade das nações, na questão do arbitramento, pois neste momento Rui Barbosa passou a ser atacado incessantemente pelo delegado norte-americano, Mr. Choate e pelo correspondente do jornal *New York Herald*, Stanhope. Neste complexo jogo diplomático, não poderíamos esperar outra iniciativa norte-americana que não, também, a dualidade, com críticas e apoios. Se, por um lado, Rui foi atacado por alguns representantes norte-americanos, por outro, foi apoiado, como no momento em que o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Elihu Root, mandou que Choate elevasse o Brasil a potência de Primeira Ordem.

A quem não agradava esta aproximação do Brasil com os Estados Unidos era aos líderes políticos argentinos, que percebiam cada vez mais a perda de espaço do país no cenário da América do Sul. Daí os embates diplomáticos se darem também com a Argentina, sendo retratadas em charges patrióticas que ridicularizavam figuras como o Delegado Drago – que deu nome a Doutrina que defendia sobre a abolição da cobrança compulsória de dívidas de Estado, criada em 1902 e defendia na Conferência da Paz – e o chanceler argentino Estanilao Zeballos, que era uma das figuras mais odiadas pela opinião pública brasileira, justamente por ter construído uma “rede de propaganda” na imprensa argentina que era considerada “brasilófoba”, atacando sistematicamente o Barão do Rio Branco.

Os ataques entre vizinhos demonstravam não somente os embates diplomáticos entre dois países que queriam uma liderança entre nações da América do Sul – dado, aliás, que o Brasil estava muito a frente da Argentina, sendo praticamente uma vitória certa pela *diplomacia Rio Branco*. Mas também a base da construção de identidades nacionais que construía um inimigo recíproco a ser combatido. Do lado argentino chamando os brasileiros de “macaquitos”, atacando a questão racial dos brasileiros que querendo ser “civilizados” queriam cada vez mais se afastar do “ranço” dos homens de cor; e pelo lado brasileiro, o ataque a

¹⁵ Obra referência de crítica ao ministério Quintino Bocaiúva é o de Eduardo Prado, *A Ilusão Americana*. Ver mais in PRADO: 2003. Obra esta que foi censurada pelo governo de Floriano que temia as críticas a Doutrina Monroe. O livro foi prefaciado por Rui Barbosa.

“soberba” argentina, e “seu” sonho quixotesco, no sentido mais depreciativo que quixotesco pode ter, de construir um Império na América. Só ao Brasil cabia a grandeza de um Império, as investidas “zeballistas” eram vistas como uma loucura.

4.5. Rui e o *Zé Povo*

Em todas as questões anteriormente levantadas, uma figura sempre aparecia, a do *Zé Povo*. Não há uma data precisa para o surgimento deste personagem, sabe-se que foi na virada do século XIX para o XX, possivelmente como referência ao *Zé Povinho* do português Bordalo Pinheiro, que dominou a imprensa de seu país. Mesmo não se tendo uma origem precisa, o *Zé*, como era carinhosamente conhecido, teve importância única no momento do crescimento das revistas ilustradas no Brasil, na modernidade da *belle époque* carioca e da República de cidadãos.

O *Zé Povo* buscava se relacionar diretamente com seu público, criando um vínculo com ele, tendo, por isso, uma característica ambígua quanto à forma e ao conteúdo. Uma pluralidade fundamental para se entender seu sucesso, principalmente nas primeiras décadas do século XX, como o maior representante dos cidadãos brasileiros, em uma República de cidadania precária. Era esta pluralidade que levava os leitores a momentos de identificação e diferenciação, causando circunstâncias de prazer e exercício crítico, satisfazendo demandas simbólicas¹⁶. Particularmente, vejo o *Zé* como o homem moderno, aquele que não tem rosto, que não se quer identificar. Ele é o objeto dos *flâneurs do traço*, o homem da cidade que se moderniza, indecifrável, que sofre o penar do crescimento desenfreado e irregular da urbe, mas que, ao mesmo tempo se deslumbrava com sensação de expansão ilimitada dos desejos, do consumo, da eletricidade, do telégrafo, dos transportes modernos, mais tarde, do cinema e da fotografia¹⁷.

Quanto ao poder, repete-se a pluralidade do *Zé Povo*, pois da mesma forma que identificava nela as causas do seu sofrimento pessoal, de sua própria miséria, sentia também um fascínio incontrolável. O *Zé* – que podia ser cidadão eleitor ou não – buscava o “direito político” apoiando as investidas do Barão do Rio Branco no

¹⁶ SILVA, 1990.

¹⁷ DECCA, *op. cit.*

cenário internacional. Em Haia, junto com o sentimento patriótico dos chargistas, e nunca esqueçamos que o Zé é uma produção destes humoristas, o personagem apoiou maciçamente Rui e seu Barão. O seu sentimento – dos chargistas e do Zé – de pertencimento a “comunidade política” era visível quando nas palavras do personagem dizia-se que ele era o “pai” do Barão e do Rui e que se orgulhava disso. Talvez o chargista J.Carlos tenha resumido em poucas palavras a importância que o *Zé Povo, o cidadão*, estava dando aquele momento, em sua famosa coluna “Guingnol”, que no “*Vox populi, vox Dei*, o Zé está satisfeito”.

4.6. Rui e a República de Barrete Frígio

O símbolo da *República-mulher* é considerado um dos maiores símbolos do regime, tendo surgido no tumultuoso processo político francês do século XIX, culminando na criação da famosa *Marianne*, que guiava seu povo para liberdade. A figura da *República-mulher* teve diversas facetas, da revolucionária, com seu barrete frígio, a “mãe” que sobriamente alimenta seus filhos, os cidadãos. Sua caracterização, como símbolo republicano, refletia o próprio processo revolucionário da República francesa, por vezes mais radical, por outras mais moderada, dependendo dos interesses das classes que a guiavam.

O Brasil tinha como nação “paradigma” a França, desde a corte, com sua moda e opulência até nos símbolos revolucionários, como os republicanos. Não seria diferente, portanto, com a *República-mulher*, que tem como expoente difusor o genial chargista italiano Ângelo Agostini, que foi um verdadeiro militante contrário ao regime de D.Pedro II. Mas, esta imagem republicana teria perdido sua força: primeiro porque a imagem da *Virgem Maria* seria mais popular que a da *Marianne*, sendo somente difundida pelas elites do país, e, por último, porque a própria República não obtivera o sucesso esperado, sendo o exemplo utilizado, para caracterizar esta desilusão, os chargistas que colocavam a *república-mulher* como uma velha enrugada, ou como meretriz¹⁸.

Não caberia aqui discutir qual foi o melhor regime político do Brasil, a República excludente ou a Monarquia escravista, seria algo até doloroso de pensar.

¹⁸ CARVALHO, 1990.

Mas quanto aos chargistas, colocados em meio à discussão, cabe pensar que eram tão dúbios quanto seus personagens, como o *Zé Povo* e a *República-mulher*. Apoiavam e criticavam o regime, talvez pudéssemos ir além defendendo que, geralmente, eram republicanos, possivelmente na maior pureza cívica de um regime que não fosse dinástico¹⁹. Quando observamos momentos de exceção como o 15 de novembro e momentos como Haia, ou eleições, temos críticas a mazela do regime e utilizações patrióticas deste símbolo republicano.

4.7. Rui, *Tio Sam*, *John Bull* e o *Kaiser*

É impossível prever o alcance de certas figuras caricatas. Basta pensarmos Rui Barbosa, como que se poderia imaginar que o desenho de Alfredo Cândido o colocando com uma biblioteca na cabeça²⁰, iria imortalizá-lo, como *Rui, o macrocéfalo*. No que tange ao fenômeno Estado-nação não seria diferente, símbolos criados que buscavam sintetizar um povo, uma “comunidade política”. Dentre estes não há símbolos mais fortes do que *Tio Sam* e o *John Bull*, o primeiro, possivelmente, como referência ao presidente Andrew Jackson (1829-1837), que modernizou os Estados Unidos, sendo imortalizado no traço de Thomas Nast, anos mais tarde ganhando também referências de outro popular presidente americano, Abraham Lincoln. E, o segundo, que foi criado no século XVIII, caracterizando o pacato *yeomanry* – classe de camponeses independentes da Inglaterra, que, assim como *Tio Sam*, sofreu mutações ao longo do XIX, tornando-se símbolo máximo da pátria inglesa.

Essas mutações têm paralelo com os processos históricos destas próprias nações, que com o movimento imperialista acabaram forjando sua superioridade nestes símbolos que demonstravam união; e que também eram criticadas pelos países oprimidos pelas práticas expansionistas, que ao atacarem estes símbolos de coesão nacional acabavam por atingir as próprias práticas imperialistas destas nações. Assim sendo, os *tipos nacionais* acabaram por representar mais que um povo, passando a representar uma determinada prática política. Soma-se a estas

¹⁹ Possivelmente a maior exceção tenha sido Henrique Fleiuss, amigo pessoal e admirador de D. Pedro II e família. (Ver Fleiuss em LIMA, 1963: 743).

²⁰ A clássica charge de Alfredo Cândido na qual o Barão do Rio Branco é convidado a subir a “biblioteca-cabeça” de Rui encontra-se em LIMA, *op. cit.*: pág. 279. Originalmente foi publicada em *A Larva*, 18 de setembro de 1903.

duas personagens anteriormente citadas, a figura do *Kaiser* alemão, livremente inspirada em Otto Von Bismarck, que comandou o processo de unificação alemã, iniciando seu processo de transformação em Império.

No Brasil, algo que intrigava Herman Lima era a falta deste tipo caricatural que representasse a nação. Mas esta já era uma questão longuíssima, tendo sido inclusive discutida em plenário, quando o deputado Deodato Maia propôs a criação deste *tipo brasileiro*, em 1908. Dos cronistas gráficos, J.Carlos, Raul e Calixto se pronunciaram, mas pouco se concretizou efetivamente²¹. O fato é que o país buscava fugir do “ranço” de ser comparado ao índio, imagem esta que foi construída pelo romantismo indigenista do século XIX, e que teve como expoente na charge, nosso já citado, o militante Agostini. O Índio Romântico não condizia com um país que se queira moderno e civilizado, pronto a adentrar no mundo das grandes potências mundiais.

Vemos a partir disso uma crise de identidade, mas não em um momento ruim para a nação, no qual deveriam estabelecer novas formas de vínculos e laços, mas em um momento positivo, pelo menos na visão desses chargistas, à nação, pois ela estava se modernizando e sendo respeitada pelo mundo. A época de Haia, o *tipo de Brasil* que se forja é um que mistura as condições objetivas, da política modernizante do país, com experiências subjetivas, de encanto com a modernidade que espanta o índio, mas ao mesmo tempo mantém um penacho, como se quisesse dizer: “somos modernos, mas temos um passado glorioso indígena”, traços que o indigenismo deixou na produção cultural da nação²².

4.8. Rui e a Propaganda

Não houve quem não tenha sido influenciado pela áurea encantadora da modernidade, a enxurrada de produtos, medicamentos, curas com tratamentos de hipnose, eletricidade, gás, tudo que facilitou e mudou a vida do homem moderno. Mas como este homem tinha acesso a tais produtos? As revistas ilustradas e jornais são as respostas para tal pergunta. Antes de mais nada, devemos pensar que estes

²¹ SILVA, *op. cit.*

²² Para saber mais sobre discussões de identidade nacional, um belo texto é o de Cecília AZEVEDO. In: ABREU e SOIHET, 2003.

periódicos eram empreendimentos capitalistas, buscavam lucro e mercado. Talvez seja anacronismo compararmos este veículo de comunicação à televisão de hoje em dia. Entretanto, elas se completam em um fato: ambas abrem espaços publicitários em seus veículos, objetivando mais uma fonte de renda.

Atualmente, a publicidade mantém a comunicação, no início do século XX, não era bem assim, apesar de ter papel relevante nos lucros dos periódicos. Para que se tenha uma breve noção, anúncios em preto de uma página na revista *O Malho*, chegaram a custar 200\$, o que equivalia ao preço de um exemplar da revista. Uma página a cor, tinha um acréscimo de 50\$²³. Pensando na quantidade de propagandas que havia nesta revista, tomando grande parte exemplar, fora os anúncios que se misturavam as notícias, percebemos o papel e importância desta fonte de renda para os empreendimentos da comunicação.

Em uma época em que a fotografia dava seus primeiros passos, cabia aos desenhistas o dever de produzir os materiais publicitários. Como artifício de atração ao produto, estes ilustradores utilizaram variados mecanismos, como o da vinculação de um determinado produto a figura política em voga. Por exemplo, Rodrigues Alves no seu período de presidência vendia água mineral, Pinheiro Machado, sempre atuante na política, atuava na venda de mercadorias e Rio Branco, quase incontestada figura, era o garoto propaganda ideal. Até mesmo o navio de guerra Minas Gerais, que chegou ao Brasil em 1910, não escapou de vender relógios *Royal*.

Em 1907, vivendo o ápice de sua carreira política, Rui Barbosa foi o personagem ideal para estes anunciantes e “publicitários”²⁴. Na sua partida vendeu chapéus e casacas para a intempere do frio europeu; na conferência, por ter sido considerado verborrágico, se desculpou com os amigos conferencistas pelo atraso dos discursos, pois não possuía um cronômetro *Royal*, o “primeiro do mundo”. Vendeu também *A Saúde da Mulher*, que acabava com as mazelas femininas e seria o suficiente para acabar com os problemas do futuro da humanidade. Enfim, Rui fora o personagem ideal para que se vendessem produtos para um público consumidor ávido de mercadorias da modernidade.

²³ LIMA, 1963: 712.

²⁴ Tanto a *História da Caricatura no Brasil*, como *Rui e a Caricatura*, ambas de Herman Lima tratam sobre esta temática.

4.9. Rui, a Águia de Haia

O mito da “águia” ao qual Rui ficou vinculado em sua trajetória política foi construído com a ajuda da charge. O homem que virou o “herói dos oprimidos” no traço de nossos chargistas foi aquele que a imagem oficial quis passar, desde o interesse inicial de Rio Branco de enviar uma “embaixada de águias” à Haia. Mas como seres humanos, os humoristas são complexos. Ao mesmo tempo que defenderam e louvaram Rui, também criticaram a ineficiência da Conferência, prevendo o infortúnio da guerra iminente.

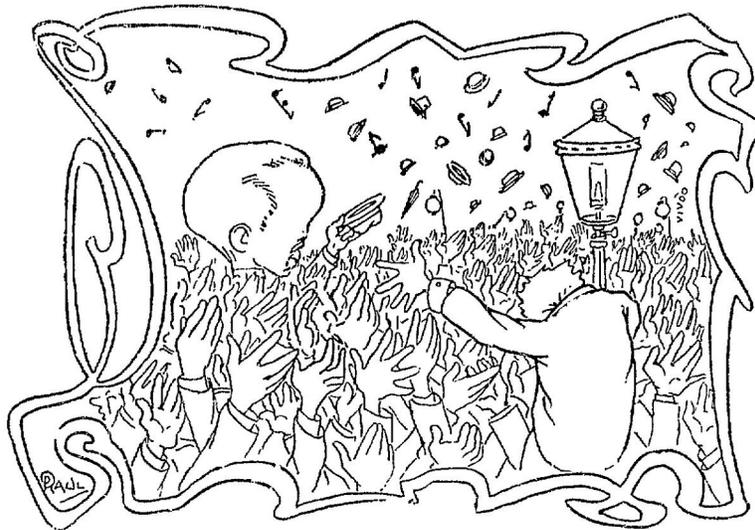
Mas Rui, neste momento, ficou incontestável enquanto figura política, isto porque, a nação, “a priori”, tinha de “progredir” e se modernizar. Alcançar o patamar das grandes potências imperialistas era um sonho e uma necessidade. Mostrar ao mundo que víamos “guapos e aguerridos mancebos”, como desenhou J.R.Lobão era o ápice de um patriotismo, em um país que era considerado fraco, que aparecia como colônia, mesmo que não dominada burocrática e militarmente, no contexto do imperialismo mundial²⁵.

Rui Barbosa, com a teoria da igualdade das nações, com os combates ardentes contra os Estados Unidos, contra a Rússia e contra, especialmente, o argentino Zeballos, saiu consagrado da Conferência da Paz. E nada mais natural que quando chegasse ao Brasil fosse recebido com festa e louvores pela população, que lotou o cais do *Pharoux* e a Avenida Central, jogando flores ao conselheiro e banhando-o de palmas²⁶. Não sabemos se os chargistas estavam lá neste momento, é possível que sim, mas, de qualquer maneira, Raul immortalizou o fato desenhando na capa do *Jornal do Brasil* do dia 30 de dezembro uma charge que tinha como título: “Nas palminhas”, que mostrava, em uma composição gráfica magnífica, o povo aplaudindo o “Mestre Rui”, trepando nos lustres e jogando os chapéus e bengalas para o alto, ao som de notas musicais, que demonstram a alegria de um momento.

²⁵ Obra referência para se entender o imaginário constitutivo de nacionalidade e moderno dos chargistas brasileiros do início do século é o de VELLOSO, 1996. Os humoristas estabelecem com o tempo uma relação de fascínio e hiato, um jogo complexo que reflete suas obras.

²⁶ ZIMMERMANN, 2007.

NAS PALMINHAS



- Boas entradas, mestre Ruy!

27

5. Conclusão: as Charges como Fonte

A charge é uma preciosa fonte cultural de uma época, é mais, é uma produção que nos auxilia a entender a memória social e política de determinada sociedade. Cheia de peripécias e contradições, estas fontes, são produtos de uma datada época, os artistas são assim, construídos pelas suas experiências cotidianas, pela realidade objetiva e subjetiva que os rodeia.

É um grande equívoco anacrônico esperar que destas fontes somente obtenhamos o aspecto transgressor. Os analistas do humor gráfico, ao buscarem estabelecer a importância da charge como fonte tão rica e verossímil quanto o texto escrito tendem a afirmar somente este aspecto "positivo" desta produção²⁸. De fato, seria ideal se assim fosse, mas não o é. A produção imagética, como qualquer outro discurso contém em si traços ideológicos e aplicabilidade social e política. Caso contrário, jamais serviria como fonte primária para abordagens históricas.

Assim sendo, torna-se fundamental uma abordagem crítico-reflexiva por parte dos analistas desta determinada fonte, facilitando a construção do

²⁷ Raul, *Jornal do Brasil*, segunda feira, 30 de dezembro de 1907, ano XVII, n 364, pág. 01.

²⁸ SILVA, *op. cit.*:10.

conhecimento e da memória humorística, sem que com isso, negligencie certos traços que os homens do grafismo deixaram e que hoje em dia contestamos, como as piadas racistas, ou as charges "a favor", como as que idolatraram e louvaram a participação de Rui Barbosa em Haia ou que defenderam a *diplomacia Rio Branco*.

6. Bibliografia

- ACCIOLY, Hildebrando. *O Barão do Rio Branco e a 2ª Conferência da Haia*. Rio de Janeiro: Ministério das relações Exteriores, 1945.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Editora Ática: São Paulo, 1989.
- AZEVEDO, Cecília. "Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão". In: ABREU, Martha e SOIHET, Raquel (orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BARBOSA, Rui. *Obras Completas de Rui Barbosa*, vol. XXXIV, Tomo II. "A Segunda Conferência da Paz". Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966. Prefácio de Hildebrando Accioly
- BRITO. Lemos. "O Brasil e a Doutrina Monroe: Ruy Barbosa". In: *Revista Biographica da Bahia e mais Estados do Brazil*. Ano III, número especial: "Polyanthea em homenagem ao conselheiro Ruy Brabosa", 1907.
- BUENO, Clodoaldo e CERVO, Amado Luiz. *A Política Externa Brasileira: 1822-1985*. São Paulo: Ática, 1986.
- BURNS, E. Bradford. "As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República". In: FAUSTO (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol 2, O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DECCA, Edgar de. "O colonialismo como a glória do império". In: FILHO, D. Aarão Reis, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX – o tempo das certezas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 151-181.
- LAMOUNIER, Bolívar & MASCARO, Cristiano. *Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. São Paulo: J. Olympio, 1963, v. 2. _____ . *Rui e a Caricatura*. Rio de Janeiro: Olímpica Editora, 1950.

- LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: a República no Catete*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editoras Vozes e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.
- MAGUALHÃES, Rejane M. Moreira de A. *Rui Barbosa: Cronologia da Vida e da Obra*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.
- PAMPLONA, Marco Antônio. "A questão nacional no mundo contemporâneo". In: FILHO, D. Aarão Reis, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX – o tempo das dúvidas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 185-204.
- PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana*. Brasília: Senado Federal, 2003, vol. 11.
- SILVA, Marcos Antônio A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- STEAD, Willian. "O Brazil na Haya". IN: RIBEIRO, João (org.). *Almanaque Brasileiro Garnier – 1909*. Rio de Janeiro: ano VII, 1909.
- TEIXEIRA, Luis Guilherme Sodré. *A charge anticlerical nas Revistas Ilustradas da Monarquia*. 2004 (MIMEO).
- _____. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: FCRB, 2001.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ZIMMERMANN, Augusto. "Rui Barbosa, o "águia de Haia": um breve estudo em homenagem ao centenário de sua participação na segunda Conferência de Paz de Haia". In: *Revista Acheegas*. nº 33, jan-fev 2007, pp. 14-31. (www.acheegas.net).

Resumo: Este artigo trata da nacionalidade e do patriotismo dos chargistas brasileiros a época da Segunda Conferência da Paz de Haia, buscando uma reflexão crítica em torno de tão rica fonte primária.

Palavras-chave: Primeira República, Rui Barbosa, Conferência da Paz de Haia, Identidade Nacional, Charges

* Pedro Krause Ribeiro é graduando em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista de Iniciação Científica do setor de História da Fundação Casa de Rui Babosa (FCRB), financiado pelo convênio desta com a Faperj.